

TRAÇOS CULTURAIS DE SANTA CRUZ DO SUL

Sandra Regina Haas da Fontoura

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo numa época em que a distinção entre as diferentes culturas torna-se difícil, pois com a globalização econômica (universalização do consumo), e conseqüentemente a dos meios de comunicação (contato com outras sociedades) e da informação, levam todos os avanços, as novas tecnologias, ideologias, tendências artísticas, literárias, científicas, humanas, econômicas e culturais a mesclar-se entre si, perdendo em parte as suas especificidades culturais. É claro que não deixarão de existir características típicas em cada sociedade, pois há na cultura fatores de eternidade, segundo Sotelo (1991), mas as trocas culturais conseguem amenizá-las, pois há outros fatores, como os econômicos e políticos que são de média e curta durabilidade.

A cultura, conforme Sotelo, é um processo histórico, vem da relação do homem com seu espaço natural, é o seu relacionamento com a natureza dada, ou “é pois a cultura todo o criado pelo homem frente à natureza” (p. 12), sofrendo assim constantes modificações.

O esclarecimento mais completo de cultura é de origem inglesa, que a define como conjunto de valores, crenças, símbolos, técnicas, modos de pensar que caracterizam cada sociedade. Em outras palavras, a forma de vida em determinado grupo social. Por isso se diz que não existe homem sem cultura, ou homem inculto, pois qualquer comportamento individual tem base na cultura em que o indivíduo está inserido, o campo cultural determina o que é importante para os membros desta coletividade.

Assim, de acordo com Sotelo, a sociedade é um grupo organizado de pessoas, uma reunião de indivíduos que trabalham juntos e a cultura, um grupo organizado de normas de conduta, ou seja, o conteúdo destas relações que os homens herdaram, utilizam, transformam, aumentam e transmitem.

Para José Luiz dos Santos (1993), a variação das culturas no planeta está ligada às condições ambientais e sociais. Tratar as culturas por uma hierarquização ou por relativismo são dois erros muito comuns. Dar hierarquia de valores às diferentes culturas denota visão tendenciosa e recheada de juízos de valor, por

pressupor que algumas formações culturais seriam mais “nobres” ou “superiores”. O relativismo cultural também é problemático, pois necessita de parâmetros analíticos, correndo, assim, o risco de aceitar inclusive a opressão e a pobreza como relativas, logo válidas, na medida em que o relativismo cultural propõe-se a aceitar tudo indiscriminadamente.

O que pode ser aceito como instrumento mais preciso de análise é a diversidade cultural, pois mostrar que as diferenças existem não implica em dizer que tudo é relativo, e sim entender as realidades culturais no contexto da história de cada sociedade, das relações sociais dentro de cada uma e delas entre si. Ou seja, “é sempre fundamental entender os sentidos que uma realidade cultural faz para aqueles que a vivem” (Santos, 1993, p. 8).

A grosso modo, a cultura poderia ser interpretada como a criação e reformulação do ambiente artificial, adaptando-o ao natural, para sobre ele estabelecer relações humanas.

Portanto, o caráter representativo de uma cultura, mesmo que na realidade seja apenas representativo de um detalhe dessa cultura, dá-lhe o status de “bem cultural”, ou característica cultural, já que nem todos os aspectos de uma cultura são dignos de serem preservados como bens, por mais que lhe sejam singulares.

Assim, na visão de Pellegrini (1993, p. 94):

“modernamente se compreende por patrimônio cultural todo e qualquer artefato humano que, tendo um forte componente simbólico, seja de algum modo representativo da região, da época específica, permitindo melhor compreender-se o processo histórico”.

Desta forma, o que constitui uma sociedade não é apenas seu território e seu povo, é o conjunto de emaranhados e interrelações entre as condições dadas e a realidade sobre elas produzida.

Segundo Santos (1993, p. 8):

“Cada realidade cultural tem sua lógica interna a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua

história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas.”

E é por esta razão que o presente trabalho se propõe a estudar algumas das características culturais mais marcantes na sociedade de Santa Cruz do Sul, que certamente colaboraram para que a cidade se tornasse o pólo cultural do Vale do Rio Pardo, realidade pela qual é hoje conhecida dentro e fora do estado.

A pesquisa priorizou aspectos, não por serem os únicos, ou mais importantes, mas por serem elencados em pesquisa de opinião, por serem os mais conhecidos por pessoas de outras cidades, como também, por haver bibliografia que possibilitasse o estudo destes aspectos, em especial.

O trabalho também pretende evitar o risco de apontar como traços culturais aspectos que possam constituir-se de “hibridismos culturais”, ou seja, tradições transformadas, que segundo Hobsbawm (1984), são geralmente readaptadas quando os padrões sociais para os quais as velhas tradições eram feitas, tornam-se obsoletas ou enfrentam adversidades técnicas, ou ainda, quando há fusão de elementos culturais de diferentes culturas.

Ao serem convidados a responder como definiriam Santa Cruz do Sul em poucas palavras, dez mestrandos e dez universitários da UNISC (não santacruzenses) foram quase unânimes em eleger como mais marcantes os seguintes itens: fumo, organização (racionalidade, capricho, limpeza, ordem), germanismo (frieza, desconfiança, distanciamento), materialismo e beleza (decoração, ornamentação, equilíbrio urbano, estética, perfeição visual, conservação e jardinagem residencial).

A partir disso tentar-se-á uma rápida reconstituição histórica do município, para possibilitar a apreensão de possíveis resquícios que possam ser observados no processo evolutivo do mesmo.

HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL

No Brasil, conforme Etges (1991), o processo colonizador e imigratório passou a ser executado a partir da abertura dos portos, em 1808, o que está inserido na expansão capitalista inglesa, que liderava o capitalismo internacional, e estava na fase de conseguir mercados consumidores: por isso exigiu a abertura dos portos para “nações amigas”, ou seja, Inglaterra.

A imigração européia (não ibérica) para o Brasil faz parte do processo de transformação de regime de trabalho na sociedade brasileira, que deixa de ser

escravista para tornar-se assalariado com o trabalho dos imigrantes.

Esta mudança da força de trabalho no Brasil ocorreu, de certa forma, por coerção da Inglaterra, cuja expansão mercantil não comportava escravidão. Assim, esses imigrantes vieram para substituir o braço escravo que não mais atendia às exigências do capitalismo.

Os imigrantes que foram para São Paulo estavam destinados a serem assalariados das grandes lavouras. Já no Rio Grande do Sul, os imigrantes deveriam formar colônias agrícolas, as quais forneceriam produtos de subsistência para todo o país.

Foi assim que surgiram as colônias de imigrantes agro-produtores aqui no Rio Grande do Sul. Foi por iniciativa oficial do governo, que tinha por objetivo ocupar e povoar regiões abandonadas, situadas, às vezes, na área de influência dos latifúndios.

Desta forma, surge o núcleo colonial de Santa Cruz do Sul, em decorrência do desenvolvimento capitalista na Alemanha, que ao passar do Modo de Produção Feudal ao Capitalista, gera um excedente populacional que acabou se expatriando. Para essa gente (os que estavam emigrando), o fim último da vida era ser proprietário de um pedaço de terra para trabalhar, ainda segundo Etges (1991).

Quando aqui chegaram, receberam as suas terras cobertas de densas florestas, distantes das áreas de influência dos latifúndios, onde desenvolveram a policultura em pequenas propriedades com mão-de-obra familiar e comercializavam o excedente. Não criavam gado, não falavam a língua portuguesa e viviam em certo isolamento social em relação aos brasileiros que aqui habitavam.

Os primeiros imigrantes chegaram a Santa Cruz do Sul em 1849 e ganharam seus lotes. Já a partir de 1850, as terras somente poderiam ser adquiridas através de pagamento, com a venda das colheitas. Em 1852 foi loteado o território de João Faria para novos imigrantes alemães. Sete anos depois este núcleo colonial foi elevado à categoria de freguesia. Em 1877 Santa Cruz do Sul foi declarada município autônomo.

Superados os primeiros obstáculos de adaptação e estruturação da sociedade, ou das comunidades, os imigrantes logo se preocuparam com a educação de seus filhos. Como, embora houvesse lei provincial provendo a instalação de escolas nas colônias, estas faltassem, resolveram os próprios colonos criar e manter suas escolas.

Como mestres escolhiam os mais qualificados dentre os próprios colonos, que raramente conheciam a língua portuguesa, lecionando assim em língua alemã, o que dificultou a aculturação e a integração destes com os habitantes

anteriormente estabelecidos nesta terra. Todavia, o ensino ministrado nesses moldes evitou que os filhos dos imigrantes fossem privados do ensino, e em "1890, Santa Cruz é o segundo município do Rio Grande do Sul em alfabetização, com 54% de alfabetizados", segundo Kipper (1979, p. 15).

A colônia recebia periodicamente os jornais publicados na Província e também certo número de publicações vindas da Alemanha. Como não conheciam a língua portuguesa, poucos tinham contato com publicações luso-brasileiras, o que os manteve por mais tempo no cultivo das tradições germânicas.

Inicia-se em 1890 a imprensa local quando são publicados os primeiros periódicos, também em língua alemã. (Ver Anexo 1). Alguns jornais tiveram curta duração, mas o mais conhecido jornal em língua estrangeira publicado no Brasil foi o *Kolonie*, que teve sua atividade proibida no ano de seu 50º aniversário.

Diferentes entidades culturais, como clubes de canto, música e leitura, orquestras (Anexo 2) e bandinhas, grupos teatrais, de opereta (Anexo 3), esportivas e beneficentes funcionavam no município, como podemos ver no Anexo 4. Muitas são desporto-recreativas como as de tiro ao alvo, cavalaria, bolão, tradições antigas do povo germânico, conforme Kipper.

Quando, no início do Século XX, Santa Cruz do Sul se vê inserida na Divisão Regional do Trabalho, como produtora para o mercado, surge a preocupação de melhorar a qualidade dos principais produtos comerciais, para tornar-se competitiva, conforme a análise de Silveira (1996), possibilitando-lhe também desenvolver mais as pequenas indústrias artesanais.

Na realidade, o sucesso da agricultura santacruzense foi o que impulsionou a sua industrialização, pois estimulou o beneficiamento de produtos primários e também permitiu acumulação de capital por parte dos comerciantes exportadores locais. Isso possibilitou a instalação de novas unidades de produção, com a utilização de tecnologia mais avançada, no período em que a Primeira Guerra Mundial restringia as importações e abria novas possibilidades de exportações, o que incrementou a industrialização santacruzense.

A agricultura da colônia, inicialmente bastante variada, foi aos poucos concentrando-se mais na produção de fumo.

Enquanto isso, o panorama cultural da região aos poucos foi mudando, quando as questões nacionalistas do Estado Novo focalizaram atenção no Rio Grande do Sul, cujo governo procurou promover aceleradamente a Campanha de Nacionalização (assimilação e integração dos chamados "quistos étnicos") e evitar a manutenção de um espírito étnico, no caso, germânico (*deutschum*), de acordo com pesquisa de Kipper.

Assim, foram nacionalizadas as escolas (no ano de 1937 havia no

município de Santa Cruz 139 escolas, das quais 126 eram particulares, sendo que grande parte foi fechada com essa campanha por falta de professores para lecionar em língua portuguesa). Foi exercido rígido controle sobre as entidades, proibida a língua e imprensa alemãs e imposto controle e perseguição à vida pública e privada dos cidadãos de origem germânica. Estas medidas preventivas e repressivas ocorreram no período de 1938 a 1943. Enfim, a Campanha de Nacionalização foi um divisor de águas na história cultural do município.

A agroindústria fumageira foi um dos principais agentes no processo de organização da cidade, a partir de investimentos do governo estadual.

Santa Cruz do Sul recebeu importante colaboração do Estado com a implantação de um moderno distrito industrial, incrementando a funcionalidade técnica do território que, com adequada infra-estrutura, adquire importância estratégica, segundo Silveira.

É assim que a cidade de Santa Cruz do Sul vê ampliar suas fronteiras sociais, políticas e econômicas com a atividade fumageira - atividade predominante na região. Isso passa a enriquecê-la em relação aos municípios vizinhos.

Dentro desse processo é que se pode encontrar as raízes históricas de algumas das peculiaridades culturais de Santa Cruz do Sul, que serão analisadas no próximo item.

ANÁLISE HISTÓRICA DA CONSTITUIÇÃO DOS TRAÇOS CULTURAIS

Constitui-se tarefa muito difícil estabelecer traços culturais de uma determinada coletividade, principalmente porque não é claro o espaço atingido ou influenciado por um "ethos cultural"¹, mesmo por tratar-se de ingenuidade imaginar que cada cultura existe sem saber nada das demais, como se um mundo fosse um imenso museu habitado por economias auto-suficientes, cada uma em uma redoma, imperturbável diante das demais, e repetindo invariavelmente os mesmos códigos: as suas relações internas.

Do mesmo modo, seria ingênuo hierarquizar em superioridade ou inferioridade de culturas - os traços culturais, mesmo com toda diferença tecnológica entre elas. Existem, sim, processos históricos que as relacionam e estabelecem marcas verdadeiras e concretas entre elas. Cada cultura é o resultado de uma história particular, e ela inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes. Também as relações

¹ Refere-se a elementos principalmente éticos e estéticos de um povo.

entre as diferentes culturas e sociedades humanas são relações desiguais, de exploração, opressão ou dominação, e estas sim, hierarquizam os povos e nações, pois registram desigualdades de poder.

O tema da identidade étnica, religiosa, grupal ou de gênero precisa ser redimensionado diante das inúmeras influências culturais transnacionais que uma determinada identidade passa a sofrer, e assim reconstruir-se continuamente. Por isso, hoje os discursos são produzidos a partir de uma complexa rede de informações recicladas a cada dia, onde as fronteiras culturais acompanham a complexificação das modernas sociedades. O desenvolvimento tecnológico atinge um grau de especialização que se choca com as diferentes culturas.

Desta forma, não é tão fácil estabelecer um perfil cultural de uma realidade social qualquer. No entanto, sabe-se que há uma realidade cultural comum a cada sociedade, e evidencia-se a necessidade de relacionar as manifestações e dimensões culturais com as diferentes classes e grupos que as constituem.

Por que essa importância? Por várias razões. Segundo Santos (1993), "as preocupações com a cultura são institucionalizadas e fazem parte da própria organização social" (p.85). Ou ainda, conforme filosofaram Freud, Deleuze, Nietzsche e Foucault, apud Canclini (1983, p. 37) "a opressão não consegue existir se baseada apenas no anonimato das estruturas coletivas: alimenta-se do eco que o social gera nos indivíduos", isto é, assim como o indivíduo só consegue realizar-se mediante uma identidade, também a coletividade precisa antes de mais nada identificar-se como um grupo tal ou qual, com especificidades que o distingam de outros grupos. Na visão de Oliveira (1976, p. 4-5):

"A identidade social não se descarta da identidade pessoal, pois esta também de algum modo é um reflexo daquela... O conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo... No âmbito das relações interétnicas este código tende a se exprimir como um sistema de oposições ou contrastes."

O próprio Canclini vai mais longe ao afirmar que: "... existem dois tipos de etnocentrismo...: o imperialista,... e o das nações, classes e etnias oprimidas, que só podem libertar-se por intermédio de uma enérgica auto-afirmação da sua soberania econômica e da sua identidade cultural." (p. 27).

Na teoria das relações interétnicas, fenômenos como as "flutuações" da identidade étnica - devido às possibilidades abertas às suas trocas culturais - e o exercício da identificação (étnica) devem ser compreendidos como o esforço por vezes dramático do indivíduo e do grupo para lograrem sua sobrevivência social.

Neste contexto, faz-se necessário relacionar e considerar alguns traços que possam servir de referência a quem se diga santacruzense, sem deixar de considerar a diversidade cultural interna em qualquer sociedade, que se constitui de maneiras diferentes de pensar, agir e viver, dentro de uma mesma cultura. Também não podemos ignorar que a cultura em uma sociedade não é imune às relações de dominação que a caracterizam, sendo estas visíveis ou não.

Historicamente falando, a epopéia do povo germânico no Brasil teve início com o processo de expansão do capitalismo no mundo, especialmente o da Inglaterra, da Alemanha e do Brasil, que resultaram nestas migrações, dos chamados “órfãos do capitalismo”.

A história dos imigrantes alemães que aqui chegaram começa quando, com a revolução agrícola na Alemanha, tiveram sua vida muito dificultada, porque sua terra ficou tão reduzida, que dela não mais extraíam a subsistência. Com as sucessivas divisões que ocorriam, para reparti-las entre os filhos, tornou-se inviável tirar dessa terra seu sustento. Assim não lhes restava alternativa, senão emigrar, já que se encontravam excluídos de sua pátria.

Mas, quando enfim conseguiam contatar com algum agente de imigração, viam uma luz no fim do túnel, já que se dizia que: “O Brasil é a terra do futuro”, lugar para onde se iria por dois anos para trabalhar e voltar-se-ia rico, ou, conforme Guilhermino César (1993): “nova Canaã”.

Um exemplo de como era vendida a imagem do Brasil para os camponeses europeus nos é dado pelo relato de um imigrante (Davatz), que era mestre-escola em seu país, apud Barros (1996, p.23-24):

“Lindas descrições, relatos atraentes dos países que a imaginação entreviu; quadros pintados de modo parcial e inexato, em que a realidade é por vezes deliberadamente falseada, cartas ou informes sedutores e fascinantes de amigos, de parentes; a eficácia de tantos prospectos de propaganda e também, sobretudo, a atividade infatigável dos agentes de imigração, mais empenhados em recheiar os próprios bolsos do que suavizar a existência do pobre... - tudo isso e mais alguma coisa contribuiu para que a questão da emigração atingisse um grau verdadeiramente doentio, tornando-se uma legítima febre de emigração, que já contaminou muita gente. E assim como na febre física dissipa-se a reflexão tranqüila, o juízo claro, coisa parecida ocorre nas febres de emigração”.

Esta propaganda enganosa também é retratada com muita propriedade no filme sobre a história de Santa Cruz do Sul produzido e dirigido por dois

jovens santacruzenses, entre eles Tuio Becker, hoje funcionário da Zero Hora.

Chegando aqui em 1849, os primeiros imigrantes, sete pessoas adultas, ganharam seus lotes (200mX800m) do Governo da Província, sob as condições de residirem, edificarem e no prazo de dois anos cultivarem no mínimo a oitava parte das terras. Caso contrário, perderiam o direito às mesmas (Martin, 1979).

Talvez seja redundante mencionar as condições com as quais os imigrantes se depararam aqui chegando. Não havia estradas ou meios de transportes adequados para o seu deslocamento do porto até os locais a serem povoados. Estes, cobertos de densas florestas e longe das áreas de comunicação e comércio. Tiveram que abrir picadas (caminhos no mato) e através delas carregar seus pertences. Sem material de trabalho, utensílios ou ferramentas, tiveram que improvisar suas casas como os indígenas e viver sem médicos, escolas, igrejas ou qualquer tipo de assistência. Em suma, foram entregues à própria sorte num país desconhecido.

O processo pelo qual passaram até esse momento já poderia explicar em parte o seu espírito desconfiado: excluídos em sua própria pátria, abandonados pela nação, sujeitos a uma espécie de exílio voluntário, digo, “emigração voluntária”. Mas como pode ser voluntária, se esta era a única opção de sobrevivência frente ao capitalismo que se impunha, desapropriando e desalojando esses camponeses? As cartas mostram que muitos tinham intenção de voltar. Será que não se sentiram traídos pela pátria, pelo governo, pelos compatriotas?

Quando enfim chegam à nova terra, percebem que mais uma vez não foram respeitados, foram enganados por agenciadores de imigração sem escrúpulos, que lhes venderam falsas idéias, visando apenas o lucro próprio.

Esses fatores e outros que se seguem podem também ser responsáveis pela religiosidade do povo, pois como Marx já dizia: “A religião é o ópio do povo”. Esta frase serviu tão bem para todos os tempos, como ainda se adapta aos dias de hoje. Esses imigrantes nada tinham a que se apegar, para confiar ou para ter esperanças num futuro melhor. Talvez a religião lhes pudesse servir de conforto, já que nesta terra ninguém poderia ampará-los, nem mesmo entendê-los, pois o idioma era outro.

Crê-se também que por essas razões tenham surgido em Santa Cruz do Sul tão grande número de sociedades de todos os tipos e finalidades. Unir-se constituía uma maneira de fortalecer-se ante o imprevisto. “Essas sociedades ajudavam a criar um espírito de corpo na comunidade e representavam quase as únicas oportunidades de contato social e de recreação que se faziam necessárias e que são tão características da raça germânica.” (Kipper, p.35).

Adaptados ao solo e estruturadas as condições materiais de existência,

deparam-se com outros problemas. A lei que provia escolas existia, mas as escolas, não. Então eles mesmos trataram de providenciá-las, para que seus filhos não crescessem na ignorância. Isso exigiu trabalho, esforço, disciplina, organização e participação de todos.

Havia um prazo para a quitação das terras junto ao governo. Por isso, quanto mais conseguissem produzir, mais excedente haveria para comercializar. Quanto mais poupassem, contendo despesas, vendendo muito e comprando pouco, mais próximos estariam do sonho de ser proprietários de seu lote, o que lhes garantiria um pouco mais de segurança.

Além da obtenção da propriedade, outra coisa a que aspiravam era a concessão da cidadania brasileira. Mesmo aqueles que pretendiam voltar à terra natal, compreendiam a importância de ter cidadania ao morar em um país estrangeiro, o qual talvez tivessem que adotar como pátria.

Para isso, preocupavam-se muito em ser honestos, corretos, em ter bom comportamento, agir com lisura, pagar sem atraso suas contas e trabalhar muito para melhorar esta província, como se fossem filhos desta terra.

Nesta luta podiam contar apenas com o seu trabalho e a mão-de-obra de sua família, que quanto maior, mais produzia. Iniciaram com a policultura, cujo excedente abastecia o mercado gaúcho com gêneros alimentícios e fumo. Aos poucos passaram a concentrar-se na produção de tabaco.

A organização da cidade de Santa Cruz do Sul e a formação de seu patrimônio cultural, que são suas tradições, clubes, escolas, construções, enfim, todos os bens culturais até hoje conservados, constituiu-se no último quartel do século passado e no primeiro deste, justamente quando se difundiam e adotavam nesta província, no Brasil e no mundo as idéias positivistas. Assim este município foi erigido com fortes bases positivistas, o que veio a influenciá-lo a cultura.

Percebe-se neste fator um dos motivos que podem ter levado a desenvolver junto a este povo a racionalidade, a excessiva organização, o gosto pela ordem, um pouco também da frieza científica no lugar da emotividade, como meio de chegar-se ao tão aspirado progresso, que para os imigrantes e seus descendentes era uma questão de honra, pois representaria o triunfo na nova pátria. Esta dita "frieza" é também percebida entre os povos europeus.

Para os imigrantes a organização já estava imposta, logo que aqui chegaram. Se os primeiros colonos receberam 160 braças "quadradas", as demais 100 braças "quadradas" no interior, os lotes que formariam o povoado de Santa Cruz também eram rigidamente quadrados ou retangulares (ver Anexos 5 e 6). A ordem ou a racionalidade já fazia parte do ambiente.

A fim de saldar suas dívidas tiveram que disciplinar-se, organizar-se,

ajudar-se mutuamente. Para fazer jus ao direito de cidadania precisavam viver de acordo com a moral e os bons costumes, ser pacatos e ordeiros e, acima de tudo, pacíficos. Para providenciar suas próprias escolas, igrejas, clubes, entidades, imprensa e associações, mais uma vez foi preciso ordem, participação, dedicação ao trabalho e rigidez na disciplina comunitária. Então a organização e a racionalidade, assim como o trabalho e o apego a valores econômicos, fazem parte de toda a sua história.

A ética do trabalho desenvolveu-se em meio a este povo, primeiramente, pela necessidade de gerar os meios de sobrevivência, que eram extraídos da terra através de muito trabalho, pois faltava tecnologia. Em segundo lugar, garantida a subsistência, fazia-se necessário prover o pagamento da dívida para com o governo da província. Depois, trabalhar-se-ia mais para conseguir oferecer melhores produtos ao mercado. Tornando-se mais competitivos, aumentariam as vendas, ganhariam mais para construir escolas, igrejas, salões, clubes, casas melhores, maquinaria, enfim, "trabalharam para progredir" e melhorar o nível de vida.

Enfim, o sucesso apresentado por esta agricultura gerou a industrialização. Essa veio mais uma vez reafirmar a ética do trabalho junto ao povo desta terra. As indústrias eram o símbolo, por excelência, de desenvolvimento e progresso, que seriam obtidos com muito trabalho - único elemento gerador de riqueza - para a concepção econômica da época.

Assim, este mito do trabalho, como fórmula enriquecedora, está profundamente arraigado na mentalidade do cidadão santacruzense.

Acredita-se que estas razões históricas de ter uma dívida a resgatar, ou perder tudo; de ter uma cidadania a conquistar; de ter que provar para si mesmo não ter sido excluído por ser incapaz; e, quem sabe, mostrar à Alemanha os colonos que perdeu; e, por que não, um dia visitar a pátria mãe e rever os que deixou; ou até mesmo, sentir-se rico seja algo importante para quem já foi tão pobre: um excluído, tenham tido um papel importante na caracterização dos traços culturais dos santacruzenses. Para isso tudo era preciso poupar, guardar dinheiro e ser materialista. Assim foram os antepassados e assim são seus descendentes.

Analisando a questão do fumo como marca de Santa Cruz do Sul, conclui-se que não foi a produção do fumo, que se dá no município desde o início da colonização, ou sua comercialização, nem mesmo o fato de ser exportado ou beneficiado industrialmente no município, que o divulgou como "terra do fumo". Deve-se atribuir esta propagação da atividade fumageira como marca de Santa Cruz do Sul à ação das empresas do setor ao promoverem as FENAF (Festa Nacional do Fumo) e ao apoio dado pela Prefeitura Municipal

a estas iniciativas. Então esta imagem propagou-se da mesma forma que depois propagaram “tipicamente alemã” através da Oktoberfest, quando na realidade, a cidade já não é hoje tipicamente germânica, como se veiculou nas propagandas, nem tampouco a festa é típica.

Mas os aparelhos culturais, que existem em toda sociedade, são instituições que administram, transmitem e renovam o capital cultural, quando este está desgastado, para que a sociedade não fique sem identidade.

Por isso essa festa está com outro apelo agora, que é: “A Festa da Alegria”. É verdade. O indivíduo realmente pode ficar bem alegre depois que, mediante pagamento de ingresso, entrar no parque, comprar bastante e consumir muitos chopes, e não mais perceber o engodo que é a festa em si.

Quanto ao tratamento distante e “frio” que o santacruzense dispensa aos de fora e aos de sua cidade que não pertencem ao seu círculo de amizades ou grupo social, sempre muito fechado e impenetrável, pretende-se lembrar alguns fatos sócio-políticos da história deste povo, que possam ter influenciado esse traço cultural. Não se pretende, no entanto, com esta explicação fechar a discussão em torno desse aspecto, ou simplificar tudo com uma explicação oriunda de pesquisa bibliográfica.

No ano de 1937, devido ao fato de as escolas serem particulares e com professores imigrantes, a língua mais falada ainda era o alemão. As aulas eram ministradas nessa língua e a imprensa escrita também era em alemão. Poucos eram os que dominavam o português. Inclusive as missas e cultos eram em alemão.

Como Santa Cruz do Sul era um município de relativo desenvolvimento nessa época, a Campanha de Nacionalização detém especial atenção sobre este município, verdadeiro “quisto étnico”, em meio a um estado com tantas colônias estrangeiras.

A campanha foi idealizada para ser processada gradativamente de 1938 a 1943. Pretendia iniciar pela nacionalização da educação, que estava até então a cargo dos próprios imigrantes. Também sofreu agressões o sistema associativo, que não podia continuar atuando publicamente, porque além de funcionar como preservador dos bons costumes, este exercia a seleção social e a integração local e regional, representando a preservação de suas raízes culturais ou de seu espírito étnico. Essa campanha representou o fim das sociedades.

A partir de 1939 ocorre a nacionalização da administração pública e a eliminação de todas as inscrições e letreiros em língua estrangeira. Também as atividades religiosas sofreram gradativas restrições, sendo que as prédicas deveriam ser feitas em português.

A partir de 1942 ampliaram-se as proibições, incluindo então as orações,

cânticos, cerimônias de batismo, casamento e enterro. Os hinos sacros poderiam apenas ser executados por instrumento musical e não cantados em idiomas estrangeiros.

Finalmente houve a proibição total da língua alemã, até com possibilidade de serem presos os infratores. Em 1941 é publicada a última edição do jornal teuto-brasileiro *Kolonie* - em língua alemã.

Os maiores efeitos da proibição da língua puderam ser notados no ensino e nas sociedades.

Após a 2ª Guerra Mundial “quase se extinguiu o aparato das festas tradicionais e as características da cultura germânica também já não são mais tão evidentes” (Kipper, p. 37). Foi a campanha da depredação cultural de um povo que durou aproximadamente cinco anos.

Essa repressão não se restringia apenas a proibir o uso da língua germânica em lugares públicos. A vida dos cidadãos era fiscalizada, suas casas vasculhadas, seus livros e cartas queimadas, seus objetos que tivessem qualquer inscrição desconhecida eram destruídos, enfim, as pessoas que somente dominavam a língua alemã foram condenadas ao silêncio e seus filhos instruídos a ficarem longe de pessoas que não fossem de sua origem étnica, pois qualquer palavra que fosse proferida em alemão poderia gerar denúncias, conseqüentes violências e inclusive prisão.

Com a neurose coletiva que se estabeleceu, mesmo alguns descendentes de imigrantes passaram a exercer fiscalização e a denunciar seus consangüíneos, ora por medo, insegurança ou vergonha de ser alemão na época da 2ª Guerra, ora por interesse de promoção frente à administração pública composta exclusivamente de luso-brasileiros.

Em vista disso, não fica difícil compreender o comportamento local, desconfiado e silencioso, que nessa campanha tornou-se ainda mais vivo no povo santacruzense, e que deve hoje constituir uma peculiaridade cultural deste povo, que teve por muito tempo reprimida a liberdade de expressão por condicionamento étnico. Não se objetiva com isso simplificar os fatos e justificar com apenas cinco anos de história todo um comportamento coletivo, pois é sabido que essa campanha não se efetuou somente em Santa Cruz do Sul. No entanto, tal como em nível individual, também no âmbito social, as mesmas ações não geram reações idênticas. Porque os indivíduos são diferentes, os grupos distinguem-se entre si.

Quanto aos itens limpeza, capricho, beleza, não foram encontradas nesta retrospectiva histórica razões que justifiquem esses traços culturais. Os mesmos devem ter vindo com os imigrantes do além-mar e fazer parte da cultura destes há mais tempo, não sendo possível em uma rápida pesquisa bibliográfica

contemplar as origens destes aspectos. O que se sabe é que estas qualidades realmente acompanham este povo, não somente em Santa Cruz do Sul, mas também nas demais cidades de origem alemã. Provavelmente é o que Geertz e Bateson, citados por João Aníbal dos Santos (1995), conceituam como "ethos" alemão. Segundo eles, o "ethos" refere-se a elementos "morais, valorativos e estéticos de um povo".

O patrimônio cultural, artístico e arquitetônico da cidade foi construído e constituído com a contratação de especialistas, professores e artistas europeus, talvez por um sentimento de impotência frente à modernização do mundo que não conseguiam acompanhar pelo parco acesso à literatura internacional, ou por valorizarem as vanguardas culturais às quais queriam integrar-se, porque gostavam de arte, pois era muito comum envolverem-se com atividades artísticas, segundo padrões europeus.

Não podemos ignorar o fato de que era coisa muito comum na época a contratação de professores, artistas, arquitetos, escritores e outros profissionais europeus que residiam e trabalhavam em todo o Brasil até o início deste século, quando passou a se constituir o quadro de artistas locais, que teve início na segunda metade do século XIX.

CONCLUSÃO

Enfim, temos por cultura a produção de fenômenos que contribuem, perante a elaboração, representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a assimilação, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições referentes à administração, reconstrução e renovação do sentido, para que essas instituições se perpetuem, mantendo viva essa sociedade.

Mas para isso, a ação dos aparelhos culturais (família, escola,...) deve ser internalizada pelos membros da sociedade. A organização objetiva da cultura precisa informar cada subjetividade. Esta interiorização das estruturas simbólicas gera hábitos, ou seja, sistemas de comportamento, esquemas básicos de percepção, compreensão e ação. Os hábitos, segundo Canclini (1983), são estruturados (pelas condições sociais e pela posição de classe) e estruturantes (geradores de práticas e esquemas de apreciação e percepção). A união destas duas capacidades do hábito de localizar o indivíduo dentro da sociedade e de fazê-lo agir conforme predeterminação é que faz surgir o que Bourdieu denomina "o estilo de vida", dependendo das condições sociais.

Em outras palavras, os aparelhos culturais dos quais cada classe participa

- por exemplo, a escola - produzem mentalidades, gostos, hábitos estéticos que levarão uns à música erudita, outros à popular, porque condições sócio-econômicas semelhantes permitem o acesso a níveis educacionais e instituições culturais parecidas, e nelas são adquiridos modos de pensar e agir e estilos de sensibilidade.

Portanto fica claro que dentro de uma determinada realidade cultural há um hábito comum a seus membros, o que não permite dizer que todos os seus membros praticam este modelo ou pensam da mesma forma.

No entanto, também não se diga que tudo é relativo e incerto, pois a sociedade precisa de uma identidade cultural, de acordo com Lévi-Strauss, citado por Ortiz (1985, p. 137): "a identidade é uma entidade abstrata sem existência real, muito embora fosse indispensável como ponto de referência".

E quando esta identidade coletiva está desgastada, ou não contempla mais a coletividade, precisa-se criar novas especificidades, a fim de manter esta sociedade unida em torno de algo em comum, que os identifique como um todo.

Desta forma, não é necessário que Santa Cruz do Sul tenha vivido um processo humano, percorrido através de etapas qualitativas tão diferentes de outras culturas, para manifestar-se um município com fortes peculiaridades culturais. Basta que tenha tido sua própria história, seu trabalho para adaptar-se a este meio natural, para distingui-la das demais cidades com traços culturais particulares. Mesmo porque, alguns hábitos podem ter surgido e sido mantidos por simples adesão comunitária. Ex.: gostar de doces não precisa ter uma explicação histórica. Pode ser um hábito adquirido através do uso constante de uma prática vista como agradável pela população local. É o que Hobsbawn chama de "invenção das tradições".

Enfim, tradição ou hábito, cultural ou não, a verdade é que o diferente existe e deve ser mantido, pois "A diversidade dos padrões culturais, dos objetos e dos hábitos de consumo é um fator de perturbação intolerável para as necessidades de expansão constante que é intrínseca ao capitalismo" (Canclini, 1983, p. 27). Portanto, viva e sobreviva a diferença!

E, como constatou Octávio Paz (1984, p. 154): "Vivemos, como o resto do planeta, uma conjuntura decisiva e mortal, órfãos do passado e com um futuro a ser inventado. A história universal já é tarefa comum. É o nosso labirinto é o de todos os homens".

ANEXOS

ANEXO 1 - 1ª Impressora de Santa Cruz do Sul - 1891 - Jornal "Kolonie"



ANEXO 2 - Orquestras: Carlos Gomes e Estudantina



ANEXO 3 - Theater Gesellschaft Santa Cruz - Opereta - 1930



NOTA: Fotografias pertencentes ao acervo fotográfico da Sra. Saly Weiss.

ANEXO 4 - Texto do Prof. Hardy Martin - Gazeta do Sul - Julho/1989

"Na Colônia as primeiras manifestações culturais estiveram ligadas às Comunidades Religiosas e às Escolas. Depois surgiram as Sociedades de Cavalaria, os 'Schützenverein', os 'Ulanos', as Sociedades de Canto (Lyra de Rio Pardinho, 1888), Corais, Orquestras, Bandas de Música e também algumas apresentações teatrais. As atividades foram inúmeras, muitas vezes ligadas aos tradicionais 'Kerbs'.

Viajantes ilustres que percorreram o nosso Município no século passado, não se cansaram de relatar o quanto se trabalhava em Santa Cruz, mas, também, como aqui o canto e alegria eram inseparáveis na vida dos habitantes.

Os casamentos foram verdadeiras festas populares e a poesia e o canto estiveram sempre presentes. Rendemos nossas homenagens a quantos, tantas vezes no anonimato, colaboraram para que a vida no interior da Colônia de Santa Cruz fosse amenizada com estes acontecimentos culturais.

Já na 'cidade' os registros tornam-se mais frequentes:

- De 1863 a 1869 Frederico Haensel exerceu as funções de Vice-Cônsul da Prússia, em Santa Cruz. Suas duas filhas, Amália e Iracema, nascidas em Santa Cruz, tornaram-se cantoras famosas encantando as platéias daquela época.
- Concluída a primeira Igreja Católica, trabalho em que se destacou Guilherme Lewis, o filho deste, Diogo Lewis, foi o responsável pela decoração/pintura do interior deste templo.
- Em 1863 surge a primeira Sociedade na Povoação: a 'Schützengilde'.
- Em 1866 é fundado o Club União, onde a partir de 1872 foram apresentadas peças teatrais.
- Com a fundação dos Colégios Centenários de Santa Cruz: Mauá (1870) - São Luiz (1871) - Sagrado Coração de Jesus (1874), estes estabelecimentos foram, além de educandários, verdadeiros polos culturais, com inúmeras iniciativas espetaculares.

- Em princípios do século atual o Mauá possuiu Orquestra e Conjunto de Gaitas de Boca que foram sucesso.
- Em 07/05/1882, o Dr. Otto Franz Paul Wulff, médico, e dirigente de Orquestra, aqui realizou mais uma de suas apreciadas apresentações, no Salão do Club União. Participaram também seus alunos, como a filha do Prof. Roberto Jaeger (então diretor do hoje Mauá) de nome Ana, com 6 anos de idade, ao violino; também, ao piano, a filha de Carl Trein, de nome Emma, com 9 anos de idade.
- Em 1887 é fundada a Sociedade de Canto 'Liedertafel' que em 08/05/1898 conquista em Porto Alegre o 1º lugar no Estado, no Encontro de Corais lá realizado.
- A 19/09/1888 é fundada em Santa Cruz a Escola de Música do Prof. Wilhelm Keber. No Arquivo Histórico de nossa cidade, em livro de matrícula, constam todos os nomes dos alunos que participaram de dezenas de concertos realizados entre 1889 e 1913. Esta Escola teve renome estadual.
- Em 1880 fora instalada em Santa Cruz a Loja Maçônica (prédio próprio 1897), entidade que teve como membros personalidades de destaque da comunidade, e muito ativos em participações culturais.
- Em 1898 é fundada a Orquestra de Concertos 'Estudantina' que em 'companhia' da 'Liedertafel' marcaram época em Santa Cruz.
- Em 1891 funcionou em Santa Cruz a biblioteca de Paul Schoenwald, incentivando a leitura.
- Também os jornais passaram a ocupar as horas de lazer e foram fontes alimentadoras de cultura. No Arquivo Histórico de nossa cidade encontramos acervo completo dos primeiros jornais aqui editados, merecendo destaque a 'Kolonie' (1891 a 1941).
- A documentação fotográfica dos acontecimentos ficou assegurada graças à visão dos responsáveis da época, os fotógrafos Eduard von Borowski, Schoenwald, Schick, Guilherme Kuhn e outros mais recentes.
- A fundação das Sociedades Ginástica e Aliança Católica trouxeram novas iniciativas culturais, principalmente no setor do teatro, pois mantiveram seus grupos teatrais.

- Em 1909 o Prof. Wilhelm Düren dirigente do Grupo Teatral da Soc. Ginástica levou ao palco a peça de Friedrich Schiller cujo centenário de nascimento se festejava. A peça apresentada na Aliança foi 'Kabale und Liebe', com 4 horas de duração.
- Várias pessoas da comunidade se dedicavam à poesia e tiveram seus trabalhos publicados: HOMO, pseudônimo de Wilhelm George Süffert; Hans Heiling ou H H, pseudônimo de Hans Stutzer, além de Franz Eduard Ferdinand Sauer, Otto Meyer e Hermann Menchen, entre tantos outros.
- Também no setor da Antropologia/Arqueologia houve pessoas ativas: Dr. Heinrich Eichenberg que em abril de 1908 vendeu sua coleção arqueológica ao Museu do Estado. Além disso tivemos os trabalhos de José Ernesto Riedl que em 1923 manteve aberto o seu Museu particular para visitaçã pública, aos domingos de manhã.
- A 30/11/1924 é inaugurada a nova Igreja Evangélica de Santa Cruz.
- THEGESA. Esta Sociedade (Theater Gesellschaft Santa Cruz) marcou época culminante no setor cultural de nossa cidade. A partir de 1924 houve atividade teatral intensa. A 25/08/29 um grupo de São Leopoldo veio a Santa Cruz e apresentou a opereta 'O du gute alte Zeit', na Ginástica. O entusiasmo deu novos horizontes à THEGESA, sob direção de Ernst Matheis. Um mês depois Santa Cruz aplaudiu a opereta 'Das Blumenmädel'. Artistas, músicos, cantores, personagens, tudo 'prata da casa'. Ao final do segundo ato da opereta, o público não se conteve e o palco do Cine União (depois Apolo) ficou forrado de flores e de serpentinas atiradas em saudação ao desempenho impecável dos artistas. As apresentações se sucederam até 1934: 'Meine Herzens Königin' - 'Winzerliesel' - 'Frühling der Liebe'. Estas atividades culturais projetaram Santa Cruz que era reconhecido como verdadeiro 'Centro Cultural'. E por esta razão aqui também se apresentou a 'Wiener Operettengesellschaft Margarete Slezak' que percorreu a América do Sul. Aqui apresentaram operetas durante uma semana, com artistas de renome internacional. Quanto à Orquestra - somente o pianista foi dos visitantes. Todos os outros músicos foram da Estudantina local. O Maestro foi Roberto Eggers.

- Em 1936 a Sociedade Ginástica teve 122 ginastas em atividade. A consequência foi que anos depois foram conquistados títulos estaduais e nacionais.
- Em 24/12/1939 é inaugurada a Nova Matriz de Santa Cruz, em estilo neogótico, com pinturas internas de Arno Seer e de Roman Riesch".

Como podemos verificar as atividades culturais no município eram muito apreciadas e desenvolvidas, sendo estas um fator de união da comunidade e um vínculo com as tradições da terra mãe.

Os primeiros imigrantes logo que puderam contrataram professores e artistas da própria Alemanha, demonstrando desta maneira o grande valor que atribuíam a educação de seus filhos. Isto foi sem dúvida a base de toda a pujança cultural do município e que teve reflexos sobre inúmeras gerações, avalizando o desenvolvimento intelectual e consequentemente econômico de seu povo. Tudo correu bem até o ano de 1939, quando Santa Cruz foi violentamente sacudida pela 2ª Guerra Mundial.

Os efeitos foram sentidos de forma drástica. A língua alemã fora proibida da noite para o dia e por puro desconhecimento das autoridades, tudo o que era originário da Alemanha foi considerado nazista, até mesmo obras de Goethe e Schiller foram apreendidas.

Ancorada fortemente na cultura alemã, a cidade não resistiu a 5 anos de perseguições e praticamente tudo se perdeu.

Passada a guerra, a cidade já não era a mesma. Muitos dos líderes intelectuais haviam deixado a cidade, os diversos grupos culturais se dispersaram e a crise econômica era generalizada.

O entusiasmo pela cultura teutônica fora forçado a desaparecer e com ele os anos de ouro das grandes temporadas artísticas de outrora.

As décadas seguintes foram marcadas pela desvalorização crescente das antigas tradições e o gradual empobrecimento cultural da cidade.

O eixo cultural foi deslocado da Alemanha para a nova potência emergida da guerra: os Estados Unidos. Fato este que atingiu quase todo o mundo, ameaçando inclusive a velha Europa.

Com isto a qualidade cultural da cidade foi decaindo até o ponto de não interessar mais a ninguém.

A cultura passa hoje por um período crítico em todo o Brasil e Santa Cruz não é exceção.

As poucas atividades hoje desenvolvidas na cidade, sofrem ainda de escasso público, fruto de anos e anos de abandono cultural, o que gerou um certo desinteresse por parte das pessoas.

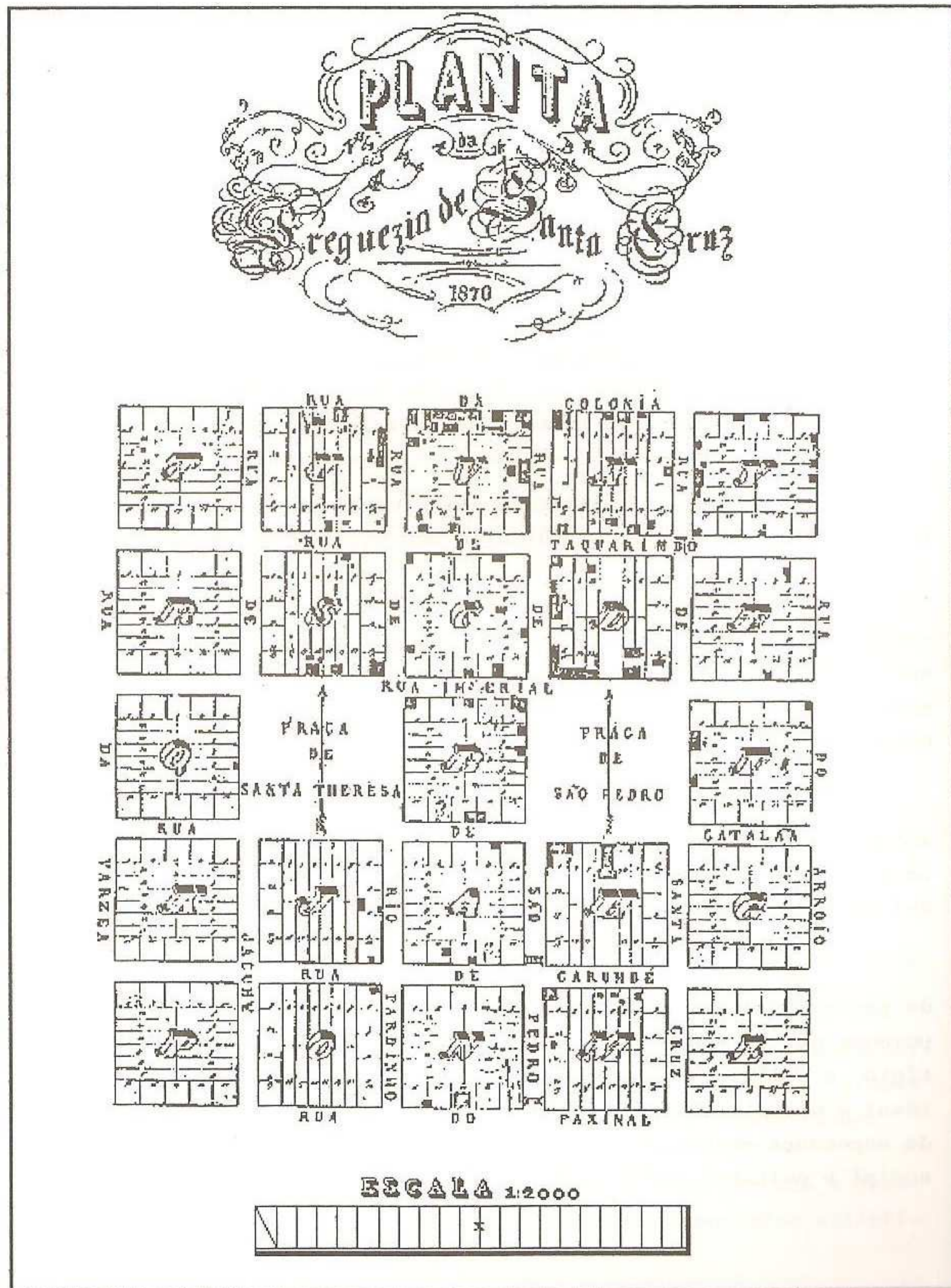
Neste rápido apanhado podemos verificar como a cidade passou do apogeu a decadência cultural num período de um século.

O que se perdeu nesta área foi lamentável e de difícil recuperação, visto que a própria realidade do município hoje é totalmente diferente do que a 50 anos atrás. Viver de glórias e saudades do passado de nada adianta, portanto é preciso tomar medidas urgentes para o renascimento cultural da cidade.

É preciso saber compreender o fecundo exemplo de nossos antepassados que aliaram o trabalho árduo e o progresso material as atividades culturais e de lazer e que fizeram de Santa Cruz do Sul uma comunidade altamente desenvolvida para a época.

Herdeiros que somos de tão rico passado, temos o dever de preservar o que restou e abrir novas perspectivas. Com isto esperamos que a cidade possa num futuro próximo recuperar o seu prestígio e brilhantismo cultural perdido, resgatando desta forma o ideal e o espírito elevado dos que aqui primeiro chegaram cheios de esperança em busca de uma nova vida, onde a pujança econômica, social e cultural andassem lado a lado.

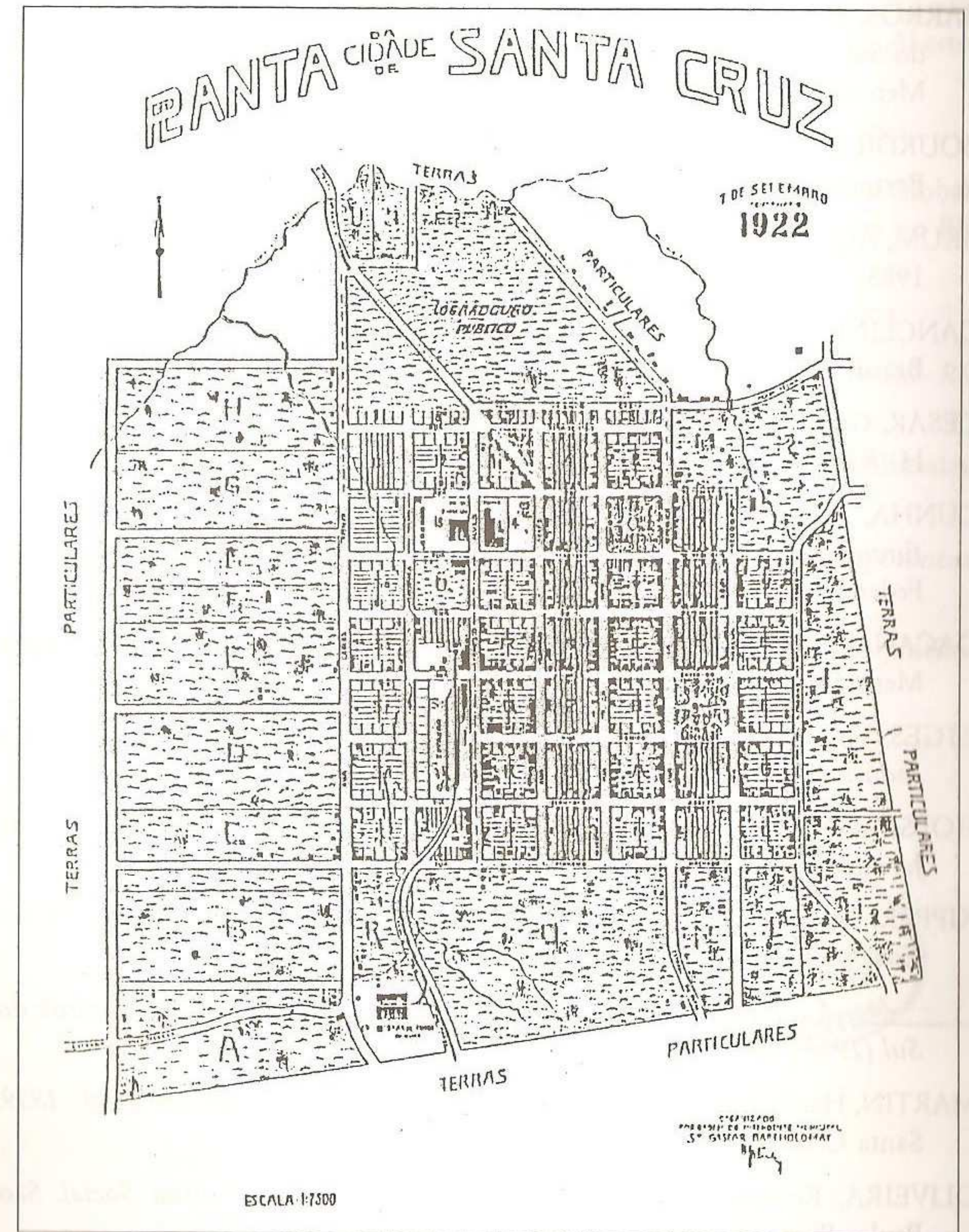
ANEXO 5 - Mapa do Centro Histórico de Santa Cruz - 1870



Planta da freguesia de Santa Cruz elaborada em 1870 pelo então diretor da colônia Carlos Trein Filho.

Fonte: Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul.

ANEXO 6 - Mapa da cidade de Santa Cruz e arredores - 1922



A partir de 1922 as chácaras foram sucessivamente transformadas em terrenos, configurando a cidade

Fonte: Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, E. Cruxên. Capitalismo e Colonização - os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL J. H. *RS: Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.
- BRUM, Argemiro J. *Modernização da Agricultura: Trigo e Soja*. Ijuí: FIDENE, 1985.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CESAR, Guilhermino. Ocupação e diferenciação do espaço. In: DACANAL, J. H. *RS: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CUNHA, Jorge Luiz da. *Os colonos alemães de Santa Cruz do Sul e a fumicultura: Santa Cruz do Sul, RS - 1849-1881*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1988.
- DACANAL, José Hildebrando. *RS: Imigração e Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- ETGES, Virgínia Elisabeta. *Sujeição e Resistência: os camponeses gaúchos e a indústria de fumo*. Santa Cruz do Sul: Editora da FISC, 1991.
- HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KIPPER, Maria Hoppe. Sociedade de Cavalaria entre os imigrantes alemães. *Estudos Leopoldenses*, n. 6, São Leopoldo, UNISINOS, 1968.
- _____. *A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul (1937-1945)*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.
- MARTIN, Hardy Elmiro. *Santa Cruz do Sul de colônia a freguesia: 1849 - 1859*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PELLEGRINI, Américo Filho. *Ecologia, Cultura e Turismo*. Campinas: Papyrus, 1993.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *RS: Agropecuária Colonial & Industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- _____. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- PAZ, Octávio. *O labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- SANTOS, João Aníbal Gottens dos. *Televisão: Cultura Local e Cultura Global*. Etnografia da audiência entre descendentes de imigrantes alemães no RS. Porto Alegre: UFRGS, 1995. Dissertação de Mestrado
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura?* São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SILVEIRA, Rogério. *A Produção da Periferia Urbana em Santa Cruz do Sul - RS: O lugar dos safristas na terra do fumo*. Artigo.
- SOTELO, Francisco S. El concepto de cultura e los cambios culturales. *Sociológica*, ano 6, n. 17, sept./dic.
- TRIGO, L. G. Godoi. *Turismo e Qualidade: Tendências Contemporâneas*. Campinas: Papyrus, 1993.
- WAIBEL, Leo. *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

